

RODA VIVA: O INTERACIONISMO SIMBÓLICO NA PERFORMANCE DE BOLSONARO

ABNER ANTÔNIO FERREIRA

Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO, Brasil
abner.ferreira@ufg.br

LUIZ ANTÔNIO SIGNATES FREITAS

Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, GO, Brasil
signates@ufg.br
orcid.org/0000-0001-9348-9295

RESUMO: o artigo reflete sobre a importância da teoria do Interacionismo Simbólico, que explica o comportamento social e sua expressão na mente, no eu e na sociedade por meio de interações pessoais e interpessoais. Analisa-se a construção social do ato comunicativo e seus significados simbólicos a partir da performance discursiva do então candidato à Presidência, Jair Messias Bolsonaro, durante o pleito de 2018. A pesquisa fundamenta-se na teoria de Herbert Blumer (1937) e nas contribuições de Michel Foucault para a análise do discurso, utilizando abordagem qualitativa e discursiva aplicada à entrevista concedida ao programa Roda Viva, transmitida em 30 de julho de 2018. O estudo dialoga com Manzano e Araújo (2019), que investigam o cinismo como estratégia retórica, e com Antunes (2022), cuja dissertação analisou o mesmo objeto empírico. Os resultados apontam que a entrevista evidenciou performances discursivas e imagéticas capazes de consolidar uma imagem pública pautada na autenticidade e no confronto. Conclui-se que o Roda Viva se constitui como espaço simbólico de interação entre mídia, política e sociedade, onde a comunicação midiática atua como mediadora de sentidos e formadora de percepções sociais e políticas.

Palavras-chave: Performance. Interacionismo simbólico. Roda Viva.

RODA VIVA: SYMBOLIC INTERACTIONISM IN BOLSONARO'S PERFORMANCE

ABSTRACT: this article reflects on the relevance of Symbolic Interactionism theory, which explains social behavior and its manifestation in the mind, the self, and society through personal and interpersonal interactions. It analyzes the social construction of communicative acts and their symbolic meanings based on the discursive performance of the former presidential candidate Jair Messias Bolsonaro during the 2018 Brazilian election. The research is grounded in Herbert Blumer's (1937) concept of Symbolic Interactionism and in Michel Foucault's contributions to discourse analysis, using a qualitative and discursive approach applied to the interview broadcast by Roda Viva on July 30, 2018. The study also draws on Manzano and Araújo (2019), who examined cynicism as a rhetorical strategy, and on Antunes (2022), whose dissertation analyzed the same empirical case. The findings reveal that Bolsonaro's performance displayed discursive and visual elements strategically designed to construct an image of authenticity and confrontation. It concludes that Roda Viva serves as a symbolic arena of interaction among media, politics, and society, where media communication acts as a mediator of meanings and a shaper of political and social perceptions.

Keywords: Performance. Symbolic interactionism. Roda Viva.

Em sociedades contemporâneas, mesmo após as transformações instauradas pelas revoluções burguesas e industriais, ainda em uma fase inicial se comparadas à longa trajetória da história humana, os constructos sociais permanecem como objeto de investigação científica em múltiplos campos do saber. Essas análises, contudo, nem sempre se pautam em perspectivas otimistas como as que orientaram os pensadores iluministas do século XVIII, tampouco se limitam ao pragmatismo crítico da Escola de Frankfurt, que marcou parte significativa das reflexões do século XX.

No campo da Comunicação, este artigo busca discutir a construção social do ato comunicativo e suas implicações simbólicas a partir da interação performática e imagética do então candidato à Presidência da República, Jair Messias Bolsonaro, durante o pleito eleitoral de 2018. A análise é realizada à luz da teoria do Interacionismo Simbólico, com base em uma abordagem qualitativa e discursiva, aplicada à entrevista concedida pelo candidato ao programa Roda Viva, exibido ao vivo em formato de mesa-redonda em 30 de julho de 2018.

Recebido em: 27/04/2025. Aprovado em: 27/08/2025.

DOI: dx.doi.org/10.18224/mos.v15i2.15257

Editor-Chefe: Luiz Carlos do Carmo Fernandes | orcid.org/0000-0003-2786-1102



Figura central da política brasileira, o capitão reformado do Exército e deputado federal desde 1991, Jair Bolsonaro, foi eleito presidente, em 2018, com um discurso que combinava promessas de reformas liberais na economia com posições conservadoras no campo moral e ideológico. Sua retórica caracterizava-se por críticas à corrupção, à esquerda e ao sistema político tradicional, ao mesmo tempo em que se apresentava como defensor da Constituição, da democracia, da pátria, da família e da religião. Nesse contexto, emerge a questão norteadora deste estudo: qual a importância da performance na atuação do então candidato, e de que forma ela contribuiu para sua interação com o público a ponto de conquistar a preferência do eleitorado?

Para responder a essa questão, o artigo apresenta inicialmente um aprofundamento conceitual sobre o Interacionismo Simbólico, teoria formulada por Herbert Blumer, articulando-a às contribuições de Michel Foucault no campo da análise do discurso e das formações discursivas. Em seguida, são retomadas as reflexões de Luciana Carmona Manzano e Lígia Mara de Araújo, autoras do artigo “Eleições 2018 – o discurso cínico como estratégia de construção de um mito na política” (2019), que examinam o uso do cinismo como instrumento de legitimação discursiva e performática. Complementarmente, toma-se como referência a dissertação de Mait Paredes Antunes (2022), intitulada “A entrevista de Jair Bolsonaro ao Roda Viva: uma análise dialógica do discurso”, que contribui com um olhar analítico sobre o mesmo objeto empírico.

Por fim, o artigo analisa a edição do Roda Viva exibida em 30 de julho de 2018, última da série dedicada aos candidatos à Presidência da República naquele ano. A pesquisa se ancora metodologicamente na Análise do Discurso, fundamentada na teoria do Interacionismo Simbólico e apoiada nas obras e pesquisas já citadas, com o propósito de compreender como o desempenho performático e comunicacional do candidato no programa televisivo contribuiu para a construção simbólica de sua imagem política perante o público.

INTERACIONISMO SIMBÓLICO

A compreensão do Interacionismo Simbólico requer reconhecer que as relações humanas se constituem a partir da construção e da troca de sentidos. Conforme destacam Bueno, Alves e Ferreira (2017), os vínculos interpessoais se ancoram em processos de comunicação que envolvem partilha e interpretação de significados, manifestando-se como uma forma de conexão simbólica entre os sujeitos. Essa dinâmica comunicativa atravessa distintos campos do conhecimento, como a Sociologia, a Psicologia Social, a Comunicação e a Linguística, todos comprometidos em compreender como o ato comunicativo estrutura o comportamento humano e a vida social.

Originário da Sociologia, o Interacionismo Simbólico enfatiza o papel da comunicação como mediadora das relações sociais, entendendo que o significado das ações

varia conforme as experiências, os valores e os contextos culturais e econômicos de cada indivíduo. Nesse sentido, a comunicação é vista como um processo de constante reconstrução de sentidos, de acordo com as interações que a sustentam. Em seu núcleo, como salientam os mesmos autores, “a comunicação é essencialmente uma interação simbólica” (Bueno; Alves; Ferreira, 2017, p. 458), pois permite aos sujeitos interpretar, ressignificar e transformar comportamentos e ações com base nas experiências compartilhadas. A partir dessa perspectiva, as mídias tornam-se mediadoras de novos papéis sociais, influenciando percepções e identidades, conforme observa Joshua Meyrowitz em seus estudos sobre Ecologia da Mídia (*apud* Bueno; Alves; Ferreira, 2017).

A formulação sistemática da teoria é atribuída a Herbert Blumer, em 1937. O autor associa o comportamento humano a processos de interação simbólica nos quais mente, eu e sociedade se articulam continuamente. Para Blumer, o “eu” constitui-se nas relações sociais e resulta da interpretação que o indivíduo faz de si e dos outros. Assim, a “interpretação” é um fenômeno social que emerge do diálogo entre os sujeitos e o meio. Um mesmo evento pode gerar diferentes respostas, a depender dos significados atribuídos pelos indivíduos, os quais se mantêm ou se transformam no curso da interação. Esse movimento interpretativo, que ajusta as representações do “eu” e do “outro”, é o cerne da experiência simbólica (Bueno; Alves; Ferreira, 2017).

Blumer (1980) propõe três fundamentos básicos para essa abordagem, são eles: (1) as ações humanas são guiadas pelos significados que o mundo lhes oferece; (2) tais significados derivam da interação social; e (3) esses significados são constantemente reelaborados mediante processos interpretativos. A partir dessas premissas, entende-se que o comportamento humano não é uma simples reação a estímulos, mas uma ação orientada pela leitura subjetiva e social do contexto.

A primeira premissa estabelece que os seres humanos agem em relação ao mundo fundamentando-se nos significados que este lhes oferece. Tais elementos abrangem tudo o que é possível: ao homem observar em seu universo - objetos físicos, como árvores ou cadeiras; outras pessoas, como mães ou balconistas de loja; categorias de seres humanos, como amigos ou inimigos; instituições como escolas e ou o governo; ideais norteadores, como independência individual ou honestidade; atividades alheias, como ordens ou solicitações de outrem - além das situações que o indivíduo depara em seu dia-a-dia.

A segunda premissa consiste no fato de os significados de tais elementos serem provenientes da ou provocados pela interação social que se mantém com as demais pessoas.

A terceira premissa reza que tais significados são manipulados por um processo interpretativo (e por

este modificados) utilizado pela pessoa ao se relacionar com os elementos com que entra em contato (Blumer, 1980, p. 119, grifo nosso).

Na concepção de Blumer (1980), o ser humano deve ser compreendido como um agente social ativo, capaz de dialogar consigo mesmo, atribuindo significados ao que observa e construindo, a partir disso, linhas de ação. Assim, em vez de reagir mecanicamente aos estímulos externos, o indivíduo interpreta, reflete e redefine seu comportamento segundo o sentido que atribui às situações vividas.

A visão de homem defendida pelo interacionismo simbólico de Herbert Blumer (1980) é que ele é

considerado social em um sentido mais profundo - como um organismo que se empenha na interação social consigo mesmo por meio da auto confecção de indícios e da resposta aos mesmos. Devido a este empenho na auto-interação, o homem relaciona-se com seu ambiente de maneira acentuadamente diversa da pressuposta pela difundida perspectiva convencional descrita acima. Ao invés de equivaler simplesmente a um organismo que responde à ação dos fatores sobre ou através do mesmo, o homem passa a ser visto como um organismo que necessita lidar com aquilo que observa. Entra em contato com o que verifica, empenhando-se em um processo de auto-indicação no qual compõe um objeto a partir do que observa, atribuindo-lhe que significado e utilizando-o como o fundamento que norteará suas ações; Seu comportamento, no referente ao que observa, não é uma resposta suscitada pela apresentação do elemento observado; mas, antes, uma ação originada da interpretação realizada através do processo de auto-indicação. Nesse sentido, o indivíduo empenhado na auto-interação não constitui mero organismo respondente, mas sim um organismo agente que necessita elaborar uma linha de ação de acordo com os elementos que verifica; ao invés de simplesmente emitir uma resposta à ação de algum fator sobre sua organização (Blumer, 1980, p. 131).

Outro aspecto central é a tríade conceitual “Self, Eu e Mim”, que expressa a natureza relacional do sujeito. O *Self* representa a consciência individual formada por duas dimensões complementares: o “Eu”, espontâneo e criativo, e o “Mim”, socialmente conformado e dependente do olhar do outro. Essa estrutura evidencia que a identidade pessoal é produto da convivência social, e que somos moldados pelas interações que estabelecemos e, ao mesmo tempo, transformamos o ambiente em que atuamos (Bueno; Alves; Ferreira, 2017).

De modo sintético, o Interacionismo Simbólico oferece uma chave interpretativa para compreender como os indivíduos atribuem sentidos aos objetos e às pessoas com quem interagem e de que maneira essas interpretações orientam

suas ações em contextos específicos (Carvalho; Borges; Rêgo, 2010). Como destacam Bueno, Alves e Ferreira (2017), o eixo dessa teoria é a interpretação, que se fundamenta na perspectiva do sujeito e em sua capacidade de perceber e reconstruir o mundo por meio da interação simbólica.

O PROGRAMA RODA VIVA

O programa Roda Viva é exibido de forma ininterrupta desde 1986, consolidando-se como um dos mais tradicionais espaços de entrevistas e debates da televisão brasileira. Produzido e veiculado pela TV Cultura, o programa vai ao ar nas noites de segunda-feira, às 22h, com transmissão simultânea pela internet. Segundo informações disponíveis em seu canal oficial no *YouTube*, o Roda Viva tem como objetivo promover reflexões sobre temas de relevância nacional e internacional, além de discutir criticamente o papel do jornalismo e dos jornalistas na mediação das informações e no debate público (Roda Viva, 2023).

Em 2008, a TV Cultura, em parceria com a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) e a Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), disponibilizou para acesso público um vasto acervo digital de entrevistas realizadas ao longo de mais de vinte anos de programa. Em 2019, o Roda Viva obteve expressivo aumento de audiência tanto na televisão quanto nas plataformas digitais, ampliando seu alcance por meio de novas mídias. Em maio de 2021, firmou parceria para transmissão de trechos no *TikTok*, o que reforçou seu papel de difusor contemporâneo do debate público.

Cada edição do programa conta com uma bancada de entrevistadores, convidados conforme sua área de especialização e relação com o tema debatido. O entrevistado ocupa uma cadeira giratória no centro do estúdio, cercado por jornalistas dispostos em posição superior. Essa configuração cênica reforça a sensação de exposição e de tensão simbólica, já que o entrevistado está constantemente sob múltiplos olhares e câmeras, o que produz uma atmosfera simultaneamente dialógica e performática. A estrutura busca criar uma conversa fluida, sem rígidos enquadramentos, favorecendo a espontaneidade e o enfrentamento discursivo (Roda Viva, 2023).

Segundo Antunes (2022), o Roda Viva organizou, em 2018, uma série especial intitulada *Presidenciáveis*, com entrevistas dos principais candidatos à Presidência da República. Foram convidados, por ordem de exibição: Marina Silva (Rede), Guilherme Boulos (PSOL), João Amoêdo (Partido Novo), Ciro Gomes (PDT), Manuela D’Ávila (PCdoB), Guilherme Afif Domingos (PSD), Geraldo Alckmin (PSDB), Jair Bolsonaro (PSL) e Fernando Haddad (PT). A entrevista com Jair Bolsonaro, exibida em 30 de julho de 2018, alcançou o maior número de visualizações, somando cerca de nove milhões de acessos entre televisão e plataformas digitais. Todas as edições foram transmitidas ao vivo, com duração aproximada de uma hora, mantendo o formato tradicional do programa.

A estrutura composicional dessa série especial segue o padrão do gênero entrevista midiática, caracterizado, segundo Antunes (2022), por elementos estáveis, como: a) conteúdo temático centrado em política e planos de governo; b) forma composicional marcada por abertura, múltiplos entrevistadores, mediação jornalística, presença de um cartunista e de debatedores convidados; c) estilo pautado na linguagem formal da esfera política, na cortesia e na polidez discursiva, mas permeado por réplicas tensas e polêmicas, expressando embates entre entrevistado e entrevistadores.

No estudo de Manzano e Araújo (2019), “Eleições 2018, o discurso cínico como estratégia de construção de um mito na política”, as autoras analisam a forma como o discurso de Jair Bolsonaro durante o Roda Viva contribuiu para consolidar sua imagem pública. Segundo as pesquisadoras, o discurso cínico operou como um recurso performático, no qual o absurdo e o inusitado foram incorporados como marcas de autenticidade, ressignificando a percepção popular sobre o candidato. Essa estratégia comunicativa produziu efeitos de identificação com o eleitorado, transformando o cinismo em capital simbólico de legitimidade.

A análise das autoras ancora-se na relação entre discurso, poder e verdade, conforme a reflexão foucaultiana de que “quem fala, fala de algum lugar, a partir de um direito reconhecido institucionalmente” e que “esse discurso, que passa por verdadeiro, é também produtor de poder” (Brandão, 1999, p. 31). Assim, o espaço midiático do Roda Viva se configura não apenas como arena jornalística, mas como campo de disputas simbólicas, onde a circulação de enunciados é atravessada por relações de autoridade discursiva e estratégias de visibilidade política.

Ainda conforme Manzano e Araújo (2019), o resultado eleitoral de 2018 foi influenciado pela performance de Bolsonaro e pela forma como a mídia reproduziu e amplificou seu discurso. As autoras observam que a confluência entre uma retórica panfletária, a propagação de notícias falsas e a ascensão de um conservadorismo moral, consolidou um imaginário de “salvação nacional”, amparado em valores religiosos, militaristas e patrióticos. Nesse contexto, a entrevista no Roda Viva simboliza um ponto de inflexão na trajetória discursiva do então candidato, pois sua exposição direta e o confronto com os jornalistas reforçaram sua imagem de enfrentamento e autenticidade.

O formato circular do programa, a disposição física dos entrevistadores e a ausência de cortes de edição intensificam o caráter performático das interações, transformando o Roda Viva em um dispositivo de legitimação simbólica. A dinâmica do programa permite observar como o discurso político se adapta ao espetáculo midiático, revelando o entrelaçamento entre comunicação, poder e representação, aspectos centrais para compreender o papel da mídia nas disputas simbólicas contemporâneas.

ANÁLISE DA ENTREVISTA E DAS PERFORMANCES DISCURSIVAS

A entrevista concedida por Jair Messias Bolsonaro ao programa Roda Viva, exibida em 30 de julho de 2018, configurou-se como um dos momentos mais emblemáticos do ciclo de exposições públicas dos candidatos à Presidência naquele ano. O formato do programa, que colocava o entrevistado no centro de uma bancada circular composta por jornalistas de diferentes veículos, criava um ambiente de tensão simbólica, propício tanto ao confronto quanto à exibição performática.

Conforme observou Antunes (2022), a estrutura do Roda Viva favorecia a emergência de interações dialógicas marcadas por disputas simbólicas e jogos de poder entre entrevistado e entrevistadores, expressas em tons polêmicos e reações ambíguas.

O programa teve início com uma breve apresentação audiovisual do candidato, na qual se alternavam imagens de sua trajetória pessoal e política com uma narração explicativa. Em seguida, o mediador, Ricardo Lessa, iniciou o diálogo com a tradicional pergunta de abertura: “Qual a obra ou realização pela qual o senhor gostaria de ser lembrado na história, caso seja eleito presidente?” (Roda Viva, 2018).

Bolsonaro respondeu com um discurso centrado na ideia de ruptura com a esquerda e de resgate de valores morais e patrióticos, declarando: “Queremos um Brasil liberal, que respeite a família, valorize o homem do campo, e jogue pesado na segurança pública [...] esse é o nosso sonho, é essa a nossa vontade nessa batalha” (Roda Viva, 2018).

A primeira resposta já revelava a estrutura discursiva que se repetiria ao longo da entrevista: a criação de um nós coletivo, representando uma comunidade imaginada de cidadãos “não ideológicos”, contraposta a um “outro” associado à corrupção e ao viés ideológico. Como indicaram Manzano e Araújo (2019), essa construção discursiva buscava reforçar o sentimento de pertencimento emocional e moral entre o candidato e seu público, operando por meio de uma linguagem simplificada e polarizadora.

Durante a entrevista, as reações do candidato alternam momentos de ironia, irritação e desafio, compondo uma performance de resistência à autoridade dos jornalistas. Em várias passagens, sua linguagem corporal, composta por olhares fixos, postura rígida, gestos abruptos e risos contidos, reforçava o papel de um sujeito em confronto com o sistema midiático, encarnando o arquétipo do *antiestablishment*.

Sob a ótica do Interacionismo Simbólico, tais comportamentos puderam ser compreendidos como atos performativos, nos quais o sentido emergia da interação entre atores e audiência. De acordo com Blumer (1980), a ação social é sempre produto da interpretação situada, construída a partir das leituras que os sujeitos fazem dos outros e do contexto no qual estão inseridos.

A retórica de Bolsonaro apoiava-se em recursos de simplificação e no uso recorrente de pronomes inclusivos (nós, nosso), que produziam um efeito de identificação imediata. Essa estratégia, como observou Antunes (2022), construía uma narrativa de comunhão moral, em que o candidato se apresentava como representante direto da vontade popular, reduzindo a complexidade do debate a uma oposição moral entre ‘bem e mal’, ‘verdade e mentira’. Neste sentido, o discurso assumia natureza performática, pois o conteúdo das palavras era inseparável da encenação gestual e emocional que as acompanhava.

Os momentos de confronto com os jornalistas, em especial diante de questionamentos sobre declarações anteriores, evidenciaram o uso deliberado do cinismo como estratégia discursiva, conforme analisaram Manzano e Araújo (2019). O cinismo funcionava como um gesto de ruptura: ao recusar justificativas e ironizar críticas, o candidato convertia o absurdo em autenticidade, reafirmando seu *ethos* de franqueza e enfrentamento. Essa inversão simbólica reforçava sua imagem de sujeito “verdadeiro”, em oposição a um sistema político considerado hipócrita.

A dinâmica interacional do programa reforçava o papel do Roda Viva como um espaço de legitimação simbólica e disputa de sentidos. A fala de Bolsonaro, permeada por contradições, expressões informais e ataques velados, evidenciava a centralidade da performance discursiva como estratégia política. Segundo Goffman (1975), toda interação social continha uma dimensão teatral, na qual os indivíduos encenam papéis com o intuito de controlar as impressões que desejavam causar nos outros. No caso em análise, o candidato utilizou o palco televisivo para afirmar uma persona combativa e patriótica, alinhada aos valores conservadores emergentes no eleitorado.

As reações da bancada e do público virtual demonstraram que o discurso performático do candidato encontrou eco nas redes sociais, onde trechos da entrevista foram amplamente compartilhados e reinterpretados. A mediação tecnológica ampliou o alcance da performance, transformando fragmentos discursivos em símbolos de identidade política.

Essa apropriação reforçava o que Meyrowitz (*apud* Bueno; Alves; Ferreira, 2017) denominava de “reconfiguração das fronteiras sociais pela mídia”, em que o espaço televisivo atuava como extensão simbólica da arena pública, possibilitando novas formas de pertencimento. Dessa forma, a entrevista concedida ao Roda Viva ultrapassou o simples registro jornalístico, configurando-se como um evento comunicacional performativo que articulou linguagem, emoção e poder simbólico.

A partir da perspectiva do Interacionismo Simbólico, compreendeu-se que o comportamento de Bolsonaro não foi espontâneo, mas resultante de uma interpretação estratégica do contexto interacional. Sua performance, marcada por gestos e escolhas verbais calculadas, sustentava uma identidade política coerente com a imagem de “homem comum” e “líder forte” que mobilizou grande parte de seu eleitorado.

Assim, o episódio analisado revelou como o discurso político, ao se fundir à estética do espetáculo midiático, converteu-se em uma forma de ação social performativa, um espaço de negociação de sentidos, no qual o poder se manifestava pela linguagem e pela representação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da entrevista concedida por Jair Messias Bolsonaro ao programa Roda Viva, em 30 de julho de 2018, permitiu compreender de que modo a interação simbólica, mediada pela televisão e amplificada pelas redes digitais, contribuiu para consolidar a imagem pública do então candidato à Presidência da República. A partir das observações empíricas e da aplicação dos pressupostos do Interacionismo Simbólico, verificou-se que a performance discursiva assumiu papel central na construção de sentidos políticos e na mobilização de afetos coletivos.

Durante a entrevista, Bolsonaro articulou uma série de elementos verbais e não verbais, como: postura corporal, gestos, pausas, entonações e olhares, que reforçavam sua imagem de enfrentamento e autenticidade. Tais recursos performativos evidenciaram uma estratégia de autoapresentação, conforme definida por Goffman (1975), na qual o indivíduo encena um papel socialmente reconhecível com o objetivo de produzir uma impressão específica no público. Nesse caso, o papel desempenhado foi o de um líder simples, direto e incorruptível, posicionado em oposição ao “sistema” e às elites políticas tradicionais.

A análise também demonstrou que a mídia televisiva funcionou como um espaço de legitimação simbólica, oferecendo as condições para que o candidato reforçasse sua narrativa e alcançasse maior visibilidade. O Roda Viva, pela configuração circular de sua bancada e pela transmissão ao vivo, potencializou o caráter performático das interações, transformando a entrevista em um verdadeiro espetáculo discursivo. A tensão permanente entre o candidato e os jornalistas gerou momentos de conflito e desconforto, convertidos posteriormente em capital simbólico, especialmente nas redes sociais.

Ao observar as reações do público e a difusão do conteúdo nas mídias digitais, percebeu-se que o discurso performático de Bolsonaro foi reinterpretado e ressignificado de acordo com os interesses e valores de grupos específicos. Fragmentos de sua fala circularam como *slogans* e símbolos identitários, fortalecendo sua presença nas plataformas virtuais. Essa dinâmica confirmou o que Meyrowitz (*apud* Bueno; Alves; Ferreira, 2017) denominava de “mudança nas fronteiras sociais mediadas pela tecnologia”, na qual o espaço midiático amplia e redefine o alcance da ação política.

A partir dos pressupostos do Interacionismo Simbólico, compreendeu-se que a entrevista analisada não se limitou à exposição de ideias políticas, mas representou um ato de interação social dotado de significados múltiplos. A cada pergunta

e resposta, o candidato negociava sentidos com os entrevistadores e com o público, reinterpretando símbolos e reforçando valores. O discurso cínico, apontado por Manzano e Araújo (2019), funcionou como instrumento de transgressão calculada, permitindo ao entrevistado, desafiar convenções discursivas e apresentar-se como autêntico em sua irreverência.

Os resultados da análise mostraram que a performance discursiva de Bolsonaro foi decisiva para sua consolidação política naquele período. Sua postura provocativa, o uso da linguagem coloquial e o apelo emocional, contribuíram para construir uma relação simbólica direta com parte significativa do eleitorado, marcada por identificação afetiva e legitimação moral. Nesse sentido, o estudo evidenciou que, no contexto da comunicação política contemporânea, o discurso deixou de ser apenas meio de transmissão de informações para tornar-se uma ferramenta performativa de poder, capaz de moldar percepções e redefinir identidades sociais.

Concluiu-se, portanto, que o Interacionismo Simbólico ofereceu uma lente teórica eficaz para interpretar o comportamento comunicativo do candidato, revelando como os significados emergiram da interação social e foram reinterpretados pelas audiências mediadas. O Roda Viva, mais do que um programa de entrevistas, configurou-se como uma arena simbólica de disputa, onde o discurso político se misturou à performance midiática e a ação comunicativa se transformou em espetáculo.

Desta forma, a análise reafirmou que, na política contemporânea, o êxito comunicacional não depende apenas do conteúdo argumentativo, mas da capacidade de encenar emoções, corporificar narrativas e gerar identificação simbólica. O estudo do episódio de 2018 demonstrou que o poder do discurso reside tanto no que é dito quanto na maneira como é performado, e que, nesse jogo de representações, o sentido social é continuamente construído, negociado e legitimado.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Mait Paredes. *A entrevista de Jair Bolsonaro ao Roda Viva: uma análise dialógica do discurso*. Dissertação (Mestrado em Filosofia e Língua Portuguesa) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.
- BLUMER, Herbert. *A natureza do interacionismo simbólico*. In: MORTENSEN, David (org.). *Teoria da comunicação: textos básicos*. São Paulo: Mosaico, 1980.
- BRANDÃO, Helena Nagamine. *Introdução à análise do discurso*. 7. ed. São Paulo: Estadual de Campinas, 1999.
- BUENO, Thaisa; Alves, Marcelli; FERREIRA, Fernanda Vasques. *O interacionismo simbólico como instrumento teórico e metodológico para estudos no ciberespaço*. *Revista Electrónica Iberoamericana Especializada en Comunicación*, v. 21, n. 1, p. 456-475, 2017.
- CARTA CAPITAL. Como 2018 mudou a forma de fazer política no Brasil? 2018. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/a-eleicao-que-transformou-a-politica-brasileira/>. Acesso em: 01 fev. 2025.

CARVALHO, Virgínia Donizete de; BORGES, Livia de Oliveira; RÊGO, Denise Pereira do. *Interacionismo simbólico: origens, fundamentos e contribuições aos estudos em Psicologia Social*. *Psicologia: Ciência e Profissão*, Brasília, v. 30, n. 1, p. 146-161, 2010.

ESTADÃO. “Nunca fiz mal a ninguém”, diz Bolsonaro após facada. Publicado em 7 março 2018. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2018/09/07/interna_politica,986923/nunca-fiz-mal-a-ninguem-diz-bolsonaro-apos-facada.shtml. Acesso em: 1 maio 2025.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. *Foucault e a análise do discurso em educação*. *Cadernos de Pesquisa*, Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, n. 114, p. 197-223, nov. 2001.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

MANZANO, Luciana Carmona Garcia; ARAÚJO, Lígia Mara Boin Menossi de. *Eleições 2018: o discurso cínico como estratégia de construção de um mito na política*. *Discurso & Sociedad*, Barcelona, v. 13, n. 3, p. 411-431, 2019.

PROGRAMA RODA VIVA. Entrevista com Jair Bolsonaro. Exibida em 30 jul. 2018. Disponível no canal oficial do programa no YouTube: <https://www.youtube.com/watch?v=IDL59dkeTi0>. Acesso em: 5 abr. 2025.

AGRADECIMENTOS

Os agradecimentos não foram incluídos pelos autores.

CONTRIBUIÇÃO DOS AUTORES

A contribuição de cada autor não foi especificada pelos responsáveis.

CONFLITO DE INTERESSE

Não declarado.

AGÊNCIA DE FOMENTO

Não declarado.

SOBRE OS AUTORES

Abner Antônio Ferreira. Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Goiás. Mestrando em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Goiás, linha Mídia e Cidadania.

Luiz Antônio Signates Freitas. Docente do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Goiás. Orientador e Docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Goiás, linha Mídia e Cidadania.